

DIVULGAÇÃO

ARTIGO

Em um universo de infinitas possibilidades, o que dá sentido à vida?))2



CULTURA

Bárbara Carnielli faz de plantas, luz e memória a paisagem de sonhos))4



ARQUIVO PESSOAL

2026: Seguros patrimoniais pagam R\$ 35 milhões no ES

Indenizações cresceram 1.884,8% nos sete primeiros meses deste ano; chuvas ampliam preocupação com a proteção de imóveis, veículos e empresas))3

ILUSTRAÇÃO/ESHOJE



EDSON DE ALBUQUERQUE MORENO

O espelho do infinito

A ficção científica utiliza cenários futuristas e conceitos complexos para investigar o comportamento humano. Entre suas premissas, a hipótese dos múltiplos universos destaca-se ao confrontar a humanidade com o peso de suas escolhas. Ao sugerir que cada decisão gera uma nova vertente de existência, levanta-se o questionamento sobre a singularidade da experiência cotidiana, indicando que a realidade tangível pode ser uma grande ilusão ou apenas uma nova etapa na evolução da consciência.

Diante da vastidão do cosmos, surge a angústia quanto ao impacto das ações individuais. Se todas as opções já se concretizaram em dimensões paralelas, o livre-arbítrio e o valor de uma única vida correm o risco de parecer insignificantes. O cinema e a literatura retratam esse dilema: em "Tudo em Todo o Lugar ao Mesmo Tempo", o multiverso ilustra o esgotamento diante das infinitas rotas não tomadas, enquanto no

livro "A Biblioteca da Meia-Noite", de Matt Haig, cada volume representa uma vida resultante de escolhas alternativas.

No entanto, é sob esse prisma que a ficção científica reafirma o propósito da existência. A narrativa especulativa demonstra que a estrutura do universo não se sustenta apenas por leis físicas ou cálculos matemáticos, mas pela capacidade de estabelecer conexões profundas e ao mesmo tempo significati-

vas. Nesse cenário de possibilidades ilimitadas, a fé, o amor e a amizade emergem como forças de coesão.

O amor atua como uma constante gravitacional que transcende limites dimensionais e temporais. A amizade funciona como uma âncora para a identidade, garantindo que o indivíduo reconheça a si mesmo e ao outro, independentemente da realidade em que se encontre. A fé, por sua vez, converte a

dúvida diante do desconhecido em uma escolha consciente dando sentido à jornada. Em "Interstellar", de Christopher Nolan, o amor atravessa dimensões para salvar a humanidade, enquanto em Matrix, a superação da ilusão depende da fé no propósito individual e na confiança mútua.

Portanto, a ficção científica revela que a busca humana pelo significado do cosmos não deve focar no domínio sobre

outras dimensões, mas no fortalecimento dos laços interpessoais. Reconhecer a brevidade da realidade é um convite para valorizar o presente e as decisões diárias. Cabe à sociedade compreender que, em meio a um universo infinito, o verdadeiro ato de coragem consiste em nutrir afeto, lealdade e esperança, transformando o cotidiano no único refúgio genuíno da experiência humana.

Publicação Legal é aqui

 <https://eshoje.com.br/noticias/publicacao-legal/>
Impresso e digital diários

Contato:

**bianca@eshoje.com.br/
27 99744-6251**



A opinião dos colunistas não reflete o posicionamento do veículo.

TIRAGEM: Publicação digital e impressa
CIRCULAÇÃO: Grande Vitória e digital
PERIODICIDADE: Diários

Rua Carlos Lindenberg, 40.
Ed San Gennaro, sala 201. Jardim Camburi. Vitória ES. Cep 29092-110
Tel. 27 2180-0678
www.eshoje.com.br
redacao@eshoje.com.br

DIRETOR GERAL
Carlos Roberto Coutinho
carlos@eshoje.com.br

DIRETORA ADMINISTRATIVA
Bianca Coutinho
bianca@eshoje.com.br

DIRETORA DE REDAÇÃO
Danieleh Coutinho - MTB/ES 2694-JP
danihcourtinho@eshoje.com.br

PROJETO GRÁFICO
Renon Pena de Sá
www.ellaform.com.br

FOTOGRAFIAS
Arquivo
redacao@eshoje.com.br

DIAGRAMAÇÃO
Jeferson Louis - MTB/ES 3605/ES

REDAÇÃO
Carolina Boueri
Eduardo Aencar
Esthefany Mesquita
Giulia Reis
Karla Silveira
Mariana Cicilioti
PH Caetano
Pedro Rocha

SIGA NOSSAS REDES SOCIAIS:

 /eshoje
 @eshoje
 eshoje
 eshoje

Indenizações de seguros disparam 1.900% no ES

Pagamentos por danos patrimoniais chegaram a R\$ 35,1 milhões entre janeiro e julho de 2026

PEDRO ROCHA

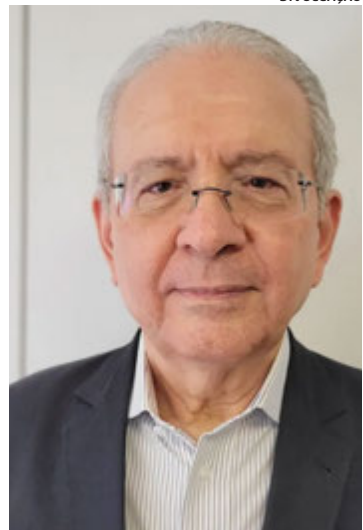
jornalismo@eshoje.com.br

Os temporais que atingiram o Espírito Santo nos últimos dias, deixando famílias fora de casa, ruas alagadas e imóveis danificados, reforçam uma preocupação que também aparece nos números do mercado de seguros. Entre janeiro e julho deste ano, as indenizações de seguros patrimoniais no Estado chegaram a R\$ 35,1 milhões, um crescimento de 1.884,8% em relação ao mesmo período de 2025, quando somaram cerca de R\$ 1,7 milhão.

Os dados são da Confederação Nacional das Seguradoras (CNseg) e mostram um avanço expressivo nos valores pagos para reparar prejuízos cobertos por apólices. Embora o levantamento não atribua esse crescimento exclusivamente aos fenômenos climáticos, a frequência de chuvas intensas, alagamentos e vendavais aumenta a preocupação de seguradoras e consumidores com a proteção de bens.

O problema ganhou novos exemplos no último fim de semana. Em Boa Esperança, no Norte capixaba, 45 pessoas ficaram desalojadas após as chuvas. Também foram registrados estragos em municípios como Nova Venécia, Linhares, Castelo, Cachoeiro de Itapemirim e Barra de São Francisco, com

DIVULGAÇÃO



“As seguradoras estão recorrendo cada vez mais à tecnologia para calcular riscos”

Ronaldo Vilela, diretor SindSeg

ocorrências de destelhamentos, quedas de árvores e postes, além de alagamentos.

O histórico de desastres no Estado ajuda a dimensionar a exposição da população. Segundo o Ministério da Integração e do Desenvolvimento Regional, o governo federal reconheceu 217 situações de emergência ou estados de calamidade pública no Espírito Santo ao longo dos últimos dez anos. As chuvas intensas responderam por 42% desses registros.

Entre as modalidades de seguro patrimonial, as indenizações residenciais cresceram 30,1% nos sete primeiros meses de 2026, alcançando R\$ 7,2 milhões. No segmento empresarial, a alta foi de 36%, com R\$ 9,9 milhões pagos. Já os seguros condominiais registraram crescimento de 12,4%, chegando a R\$ 5,9 milhões.

No ramo de automóveis, as indenizações totalizaram R\$ 496,4 milhões no Estado, aumento de 8,62% em relação ao mesmo intervalo do ano passado.

RISCO MAIOR, PREÇO MAIOR

Para Ronaldo Vilela, diretor-executivo do Sindicato das Seguradoras do Rio de Janeiro e Espírito Santo (SindSeg RJ/ES), a intensificação dos eventos climáticos representa um desafio para as empresas, que precisam calcular com maior precisão a possibilidade de perdas e o valor necessário para cobri-las.

A localização do imóvel é um dos fatores considerados nessa avaliação. Casas e estabelecimentos comerciais situados em áreas com histórico de alagamentos ou deslizamentos podem enfrentar preços mais elevados na contratação do seguro.

O dirigente explica que as seguradoras estão recorrendo cada vez mais à tecnologia para identificar regiões vulneráveis

NÚMEROS

1,7 mi

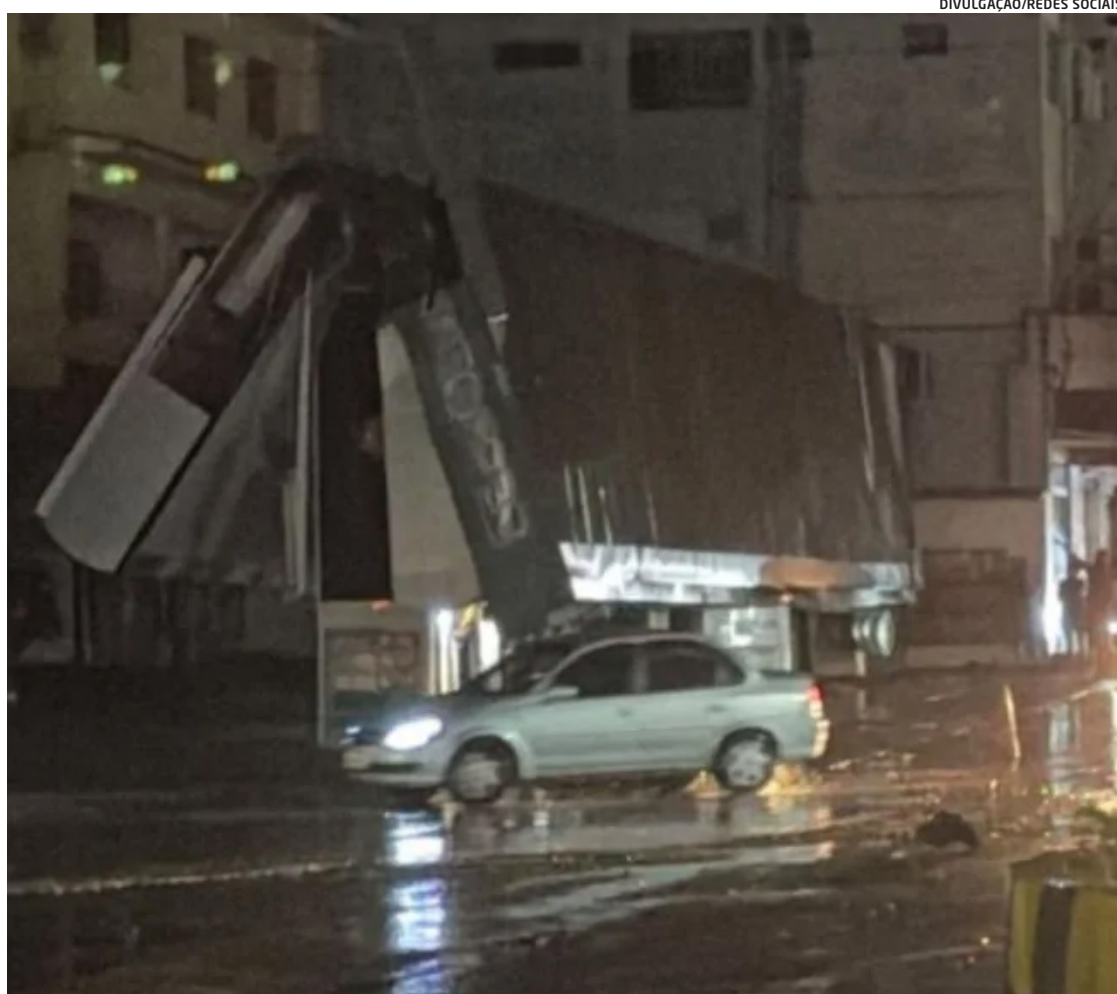
foi o valor pago em indenizações entre janeiro e julho de 2025

35,1 mi

foram pagos no mesmo período deste ano em todo o Estado

1.884,8%

de aumento entre os dois anos



Temporais e vendavais recentes na Região Noroeste capixaba destelhou casas e empresas

e dimensionar os riscos. O objetivo é evitar tanto a cobrança de valores excessivos quanto a oferta de contratos incapazes de sustentar as indenizações.

"Se o risco estiver preciso, na incerteza, ela [seguradora] cobra um preço muito alto e se torna inviável ou cobra um preço menor e não consegue cobrir. Então, é uma questão de

mensuração", afirma.

A dificuldade aumenta quando um único episódio climático provoca prejuízos simultâneos em dezenas ou centenas de imóveis, veículos e estabelecimentos. Nessas situações, o volume de indenizações pode crescer rapidamente, exigindo maior capacidade financeira das seguradoras.

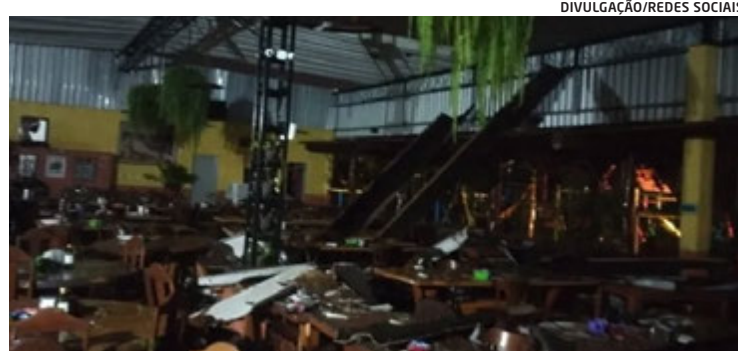
O problema não se restringe ao Espírito Santo. Relatório divulgado em setembro pela Superintendência de Seguros Privados (Susep) aponta que apenas cerca de 9% das perdas econômicas provocadas por desastres climáticos no Brasil são cobertas pelo mercado segurador. A média mundial é de aproximadamente 45%.

Atenção às coberturas

ALÉM DO preço, outro cuidado necessário está nas condições da apólice. Vilela explica que seguros residenciais e empresariais podem oferecer proteção contra fenômenos meteorológicos extremos, mas algumas dessas garantias precisam ser contratadas separadamente.

Isso significa que possuir seguro não representa, necessariamente, estar protegido contra qualquer prejuízo causado pela chuva. O consumidor precisa verificar quais eventos estão incluídos no contrato, os limites de indenização e as situações em que a cobertura pode ser excluída.

No caso dos automóveis, o dirigente destaca que enchentes e alagamentos podem estar cober-



Seguradoras podem cobrar proteção extrema de forma separada

tos, dependendo das condições contratadas. Entretanto, atitudes que caracterizem agravamento intencional do risco podem comprometer o direito à indenização.

A orientação é conferir as coberturas antes do período de chuvas

e esclarecer dúvidas com o corretor. Para famílias e comerciantes, conhecer os limites da proteção contratada pode fazer diferença quando um temporal provoca danos que exigem reparos imediatos ou a substituição de bens.

DIVULGAÇÃO/REDES SOCIAIS

Barbara Carnielli leva o sonho à mostra na Ufes

Artista capixaba apresenta instalação com plantas, bambu e iluminação artificial na Gaeu

REDAÇÃO MULTIMÍDIA
jornalismo@eshoje.com.br

O que acontece quando trabalhos criados a partir de diferentes linguagens, suportes materiais e investigações temporais passam a dividir o mesmo espaço expositivo? Essa provocação atravessa a exposição coletiva *Passagem*, realizada pelo Museu Vale em parceria com a Galeria de Arte Espaço Universitário (Gaeu), no campus de Goiabeiras da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), em Vitória. A mostra, que fica em cartaz até 30 de outubro com visitação gratuita, reúne projetos de artistas selecionados pelo Edital Convocatória de Programação Museu Vale 2026 e convidados da cena capixaba contemporânea.

Entre os nove nomes e duplas que integram o circuito expositivo — ao lado de Ashanti-Makida, Elvys Chaves & Carlo Schiavini, Gabriel Bibs, Júlia Ramalho, Julia Uliana & Izabela Pellegrini, Marcelo Venzon e Yasmim Lima —, destaca-se a artista visual Bárbara Carnielli com a instalação inédita *Oníricas*. Na obra, elementos da vegetação viva, estrutura de bambu, superfícies metálicas e tubos de luz LED articulam-se para construir uma paisagem imersiva. A matéria orgânica estabelece um contraste direto com a iluminação artificial, resultando em uma atmosfera suspensa entre os estados de vi-



“A instalação cria um organismo híbrido, no qual natureza e artifício se atravessam”



Instalação inédita junta plantas vivas, bambu, metais e tubos de LED em uma paisagem imersiva

gília, sonho e memória, convidando o espectador a uma contemplação desacelerada.

Com curadoria assinada por Isabella Baltazar, doutora em Literatura e idealizadora da Festa Literária Internacional Capixaba (Flinc), a exposição recusa narrativas lineares ou percursos hierárquicos. Segundo a curadora, a disposição dos trabalhos busca provocar uma travessia sensível, explorando o instante de transição entre uma produção e outra. Para a diretora do Museu Vale, Claudia Afonso, a iniciativa consolida um ponto de convergência e diálogo entre criadores locais e o público do Estado.

Formada em Artes Plásticas pela Ufes, Bárbara Carnielli acumula uma pesquisa multidisciplinar que abrange performance, fotografia, cenografia e direção de arte, com complementação acadêmica e conceitual em curadoria e montagem realizada em Buenos Aires. Boa parte de sua produção volta-se às poéticas do universo feminino, tendo a vivência do corpo e a linguagem performática como eixos centrais. Na entrevista a seguir, Bárbara analisa os processos criativos de *Oníricas* e os desafios de articular matéria viva e luz no espaço galpão.

ES Hoje: Como nasceu *Oníricas*?

Bárbara Carnielli: “*Oníricas*” nasce do desejo de aprofundar a presença da matéria vegetal na minha pesquisa em artes visuais, deslocando a composição floral de sua função ornamental para uma investigação escultórica e espacial. O trabalho parte de questões que atravessam minha produção: o corpo, a memória, a natureza e as relações entre matéria e subjetividade. Interessa-me pensar o sonho como território de elaboração do inconsciente, onde imagens, experiências e temporalidades distintas coexistem. Há também uma dimensão política nessa investigação, relaciona-

da à possibilidade de imaginar outras formas de existência e de relação com o mundo, para além das estruturas que organizam e hierarquizam a vida.

A obra coloca plantas vivas ao lado de luz artificial, bambu e metal. O que interessa a você nesse encontro?

Interessa-me a tensão entre materiais de naturezas distintas, suas temporalidades e possibilidades de transformação. A matéria vegetal carrega processos orgânicos de crescimento, deterioração e impermanência, enquanto o metal e a luz artificial introduzem outras estruturas e ritmos. O bambu estabelece uma relação entre esses universos. A instalação investiga essas coexistências, criando uma espécie de organismo híbrido, no qual natureza e artifício se atravessam.

Qual a potência dessa investigação?

Essa investigação se aproxima do pensamento de Deleuze e Guattari sobre o devir-animal, entendido como um processo de deslocamento das identidades fixas e das fronteiras entre as formas de vida. Existe uma potência política nessa possibilidade de desestabilizar a centralidade do humano e reconhecer outras sensibilidades, inteligências e modos de habitar o mundo. A luz atua como matéria escultórica, alterando a percepção do espaço e produzindo uma atmosfera que transita entre o concreto e o onírico.

Sua trajetória passa por performance, cenografia e direção de arte. Como isso aparece na instalação?

Minha trajetória é atravessada por diferentes linguagens, mas existe uma investigação contínua sobre o corpo/matéria e sua relação com o espaço. A performance me aproxima da dimensão sensorial e temporal da experiência; a cenografia e a direção de arte ampliam meu entendimento sobre a construção de atmosferas, espacialidades e narrativas visuais. Em *Oníricas*, essas experiências convergem na construção de uma instalação que considera também o corpo de quem observa. Interessa-me que a obra seja percebida para além de sua materialidade, como uma experiência de presença, percepção e imaginação.